

JAZZ

9 JUNHO 2017

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Demian Cabaud Quarteto

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Contrabaixo Demian Cabaud Guitarra André Fernandes
Trompete Gonçalo Marques Bateria Jeff Williams

Sex 9 de junho
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

O futuro e o que já cá está

Há uma ideia de futuro por detrás da música tocada pelo Demian Cabaud Quarteto, e essa condição vem logo inscrita no mote do projeto que é anunciado por meio de uma frase do pintor Wassily Kandinsky: «Só a liberdade nos permite acolher o futuro.» Ainda assim, o contrabaixista que dirige este grupo transnacional não tem grandes apriorismos sobre que futuro será esse, mantendo-o em aberto e lançando para as tramas construídas mais questões do que propriamente linhas a fixar.

«Não tenho a pretensão de estar a inventar aquilo que será o “futuro do jazz”. A ideia é viver o presente com o mínimo de expectativas e disfrutar do que possa acontecer como consequência disso. Na música como em tudo o resto na vida o importante é sermos honestos connosco mesmos, expressando o que nos vai na alma. Só assim, de resto, a música pode transportar e transcender. Sempre tentando não pensar em termos de géneros ou tendências estéticas, pois isso limita à partida as possibilidades de descobrir novos espaços», argumenta Demian Cabaud, argentino nascido em 1977 com estudos realizados em Boston, no Berklee College of Music, e residência na cidade do Porto há uma quinzena de anos.

Ora, que liberdade é essa que Cabaud defende? «É uma liberdade que existe dentro de um contexto. O conhecimento, o estudo e o entendimento da história da música são importantes, no sentido em que só nesses termos podemos romper em consciência. Essa

liberdade significa também deixar que na música cada um expresse as suas ideias e traga a sua história pessoal e a sua personalidade, de modo a possibilitar todas as eventuais direções que se tomem.»

A tradução dessas noções na prática faz-se com método: «Há poucas coisas escritas. Algumas indicações apenas, deixando muitos espaços livres para exploração. A composição é o ponto de partida, sim, mas dentro das molduras que cria tudo pode acontecer. A maneira como escrevo incorpora sempre espaços definidos e indefinidos. O resultado final depende dos músicos que interpretam. Ou seja, é sempre diferente. As partes escritas podem ser tocadas por eles ou não, assim como podem fazer padrões ou não e podem tocar a melodia ou não. Um determinado tema nunca se repete, nunca é igual. Ou é, mas apenas se for essa a decisão no momento.»

O grupo constituído com Gonçalo Marques, André Fernandes e Jeff Williams – um veterano do jazz norte-americano que tocou com Dave Liebman, Stan Getz, Dave Holland, Lee Konitz, John Abercrombie, Cedar Walton, Miroslav Vitous e outras luminárias – trabalha com contrastes. A ordem tem a contrapartida do caos, a quietude equilibra-se com o desassossego, a abstração contesta a linearidade. É tudo colocado ao nível das probabilidades. «O que está em jogo são as escolhas e os seus desenlaces. Qualquer coisa pode suceder. Tenho total confiança nestes músicos e acredito na intuição de cada um nesta procura que realizamos juntos. Sei que contribuirão

decisivamente para a entrega da “mensagem”», sustenta Cabaud.

Estas são três das personalidades com quem Demian Cabaud mais tem tocado ao longo dos anos, seja em formações por si lideradas como nas protagonizados pelos seus companheiros: «Temos uma grande empatia, aprendo muito com eles e partilhamos as mesmas visões de vida. Com o Gonçalo há uma relação de amizade e semelhantes conceitos musicais, de tal forma que fundámos juntos uma editora, a Robalo Records. É determinado e criativo. O André é um velho companheiro de aventuras. Passámos por muitas histórias e universos musicais comuns. É um músico extremamente flexível e de grande profundidade. O Jeff é um mestre de proverbiais generosidade, sabedoria e humildade. Oiço nele o passado, o presente e, no seu caso sim, até muito do que poderá vir a ser o futuro do jazz.»

Categorias como *mainstream* e “vanguarda” não dizem muito a Demian Cabaud: «Não coloco a música e os músicos dentro de caixas e não sei, nem me interessa saber, o que separa umas correntes das outras. A música que faço dispensa rótulos», diz. Do mesmo modo, não tem uma ideia clara do que é isso a que se chama “jazz português”, apesar de ser unanimemente apontado como uma das suas figuras-chave. Entende por que é que se fala das particularidades da “cena do Porto”, mas não se revê na distinção que se faz entre a dita e a de Lisboa: «Num país tão pequeno como Portugal não faz sentido. Não entendo. É verdade que não há muitos inter-

câmbios e às vezes parece mesmo que vivem de costas voltadas, mas sinto-me parte de ambas as cenas. Aliás, julgo estar totalmente integrado na cultura portuguesa e sou feliz. Fui bem recebido em Portugal, em todos os aspetos. Casei cá e tenho filhos nascidos aqui.»

Cabaud tem sido igualmente um dos principais agentes da conexão entre o jazz que se pratica em terras lusas e o da Galiza, mas não dá particular relevo ao seu papel nesse processo. «Bruno Pedroso está no grupo de Abe Rábade e Iago Fernández faz parte do Guruka de Nelson Cascais e do Dream Keeper de André Fernandes. Este está no Agromando do Iago. Lucía Martínez tem uma banda com os portugueses João Pedro Brandão e Pedro Neves. Na Orquestra Jazz de Matosinhos há dois galegos. No Coreto da Porta-Jazz está Ricardo Formoso e há que contar ainda com as múltiplas colaborações de João Mortágua com galegos e a quantidade de estudantes da Galiza que frequentam a ESMEL e a ESMAE. É verdade que tenho sido contactado por músicos de Espanha, que não só da Galiza, mas presumo que tal se deve sobretudo à proximidade geográfica com o Porto e ao facto de falarmos a mesma língua», argumenta.

No meio disto, Demian Cabaud nunca cortou os laços com o jazz do seu país de origem: «Tenho uma excelente relação com a Argentina. Toco regularmente com o pianista Leo Genovese, que participa em quatro dos meus cinco discos. Naquele em que não entra, o piano está a cargo de outro argentino, Ernesto Jodos. Estou no primeiro e no

mais recente CD do Genovese e todos os anos fazemos uma digressão do Norte ao Sul da Argentina. Em 2015 saiu um álbum do guitarrista Fabricio Amaya em que toco. O trio que integro com Ernesto Jodos e com o baterista Sergio Verdinelli tem concertos confirmados para Dezembro em Buenos Aires, Rosario e Cordoba. No passado mês de Maio, fui ao Hot Clube com o saxofonista Natalio Sued.»

No futuro que poderá estar a ser desenhado (ou não, como diria o próprio Cabaud) por este quarteto, a menção a Kandinsky tem outro significado que não apenas o da adesão à causa da liberdade. A música que se propõe tem uma referência extramusical, uma referência a outra arte que não a dos sons. «Os sentidos estão todos ligados. Uma imagem pode suggestionar um som, um cheiro, uma sensação. Agrada-me criar sinestésias. Uma conversa, um vinho, um quadro, um amigo, um livro, uma boa refeição, tudo isto pode estimular a criação musical», explica Cabaud. O jazz deste não se alimenta de si mesmo, mas de tudo o que o rodeia, do existir e estar aqui, agora. Acolher o que aí vem começa pelo que já cá está...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Demian Cabaud

contrabaixo

Com estudos completados no Berklee College of Music de Boston, EUA, sob a orientação de grandes personalidades do jazz como Joe Lovano, John Lockwood, George Garzone e Danilo Perez, entre outros, Demian Cabaud é o contrabaixista da prestigiada Orquestra Jazz de Matosinhos e líder de grupos vários com discos editados, para além de participar em outros projectos. Ao longo do seu percurso teve ainda a oportunidade de tocar com figuras de primeiro plano como Chris Cheek, John Hollenbeck, Theo Bleckmann, Kurt Rosenwinkel e Gerald Cleaver, para só referir alguns.

Gonçalo Marques

trompete

Com dupla formação em música (também no Berklee College) e física, o trompetista Gonçalo Marques lidera há uma década o seu próprio trio, nele participando Demian Cabaud, com uma abordagem ao jazz conhecida pelo seu pendor melancólico, com utilização de espaços abertos e de tempos lentos e médios, com convidados como Bill McHenry e Jacob Sacks. O músico de Lisboa contribui ainda para diversos pequenos agrupamentos e *big bands*. Em paralelo, dedica-se à atividade pedagógica, ensinando o jazz a novas gerações.

André Fernandes

guitarra

Um dos mais importantes guitarristas do jazz português, André Fernandes é outro antigo aluno do Berklee College of Music e tem todo um historial de colaborações com Demian Cabaud, colaborando este no seu mais recente disco, *Dream Keeper*, a sua tentativa de dar ao *hard bop* uma envolvimento de câmara. Integrou o New Nonet de Lee Konitz e, inserido na Orquestra Jazz de Matosinhos, trabalhou com personalidades como Joshua Redman, Mark Turner e Maria Schneider. Julian Argüelles, David Binney, Tomasz Stanko, Cyro Baptista e Bernardo Sasseti foram outros dos seus parceiros, no palco ou em estúdio.

Jeff Williams

bateria

O veterano Jeff Williams estudou com os bateristas de jazz Jo Jones e Elvin Jones, mas iniciou a sua carreira numa banda de rock psicadélico, Ant Trip Ceremony. Depois de passar, também ele, por Berklee, formou o grupo Lookout Farm com Dave Liebman e Richie Beirach, acompanhou o saxofonista Stan Getz e iniciou uma longa colaboração com Lee Konitz. Outras teve, por exemplo, com Joe Farrell, Frank Foster, John Scofield, Miroslav Vitous, John Abercrombie, Cecil McBee e, mais recentemente, Tony Malaby e Ingrid Laubrock. A sua flexibilidade é lendária.

Próximo espetáculo

Ressaca

de David Marques

Estreia

Dança Sex 23, sáb 24 de junho

Palco do Grande Auditório · 21h30 · Duração aproximada: 1h · M12



© Ágata Xavier

Ressaca, de David Marques em colaboração com Madeleine Fournier, Mathieu Jedrazak, Johann Nöhles e Teresa Silva. Em *Ressaca* a música é um vento que cria forças de pressão e fricção que perturbam o equilíbrio da superfície dos corpos.

Próximo espetáculo de música

Luís Lopes

Guillotine

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Música Ter 27 de junho

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6



© Rodrigo Amado

A música de Lopes caracteriza-se pela sua voz única, livre de espartilhos e de condicionamentos formais. Em *Guillotine* inspira-se numa ideia de complementaridade entre o individual e o coletivo, dando espaço a cada um mas favorecendo uma entrega de grupo.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Tiago Cruz (estagiário)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do
Cego nº50, 1000-300 Lisboa
21 790 51 55 · www.culturgest.pt